

Substantivos italianos e portugueses em *-ità/-idade, -ietà/-iedade, -eità/-eidade*

Arlindo José Nicau Castanho
Università degli Studi di Bari

Così, quando per materia dell'osservazione si prende il fatto, anche i dubbi diventano parte della cognizione.

Alessandro Manzoni, *Lettera intorno al Vocabolario*.

Resumo

As confusões entre *-ità/-idade* e *-ietà/-iedade* são cada vez mais frequentes em Italiano e Português e em todos os níveis socioculturais do seu uso. O equívoco é, no fundo, compreensibilíssimo, e assenta numa ignorância da gramática básica do latim que nem sequer se pode imputar à escassa formação linguística dos que o cometem: que eu saiba, nenhuma gramática corrente –latina, italiana ou portuguesa– se debruça sobre o problema dos princípios por que se regem semelhantes derivações.

Resumen

La confusión entre *-ità/-idade* e *-ietà/-iedade* se hace cada vez más frecuente tanto en italiano como en portugués, a cualquier nivel sociocultural de uso. El equívoco es, en el fondo, fácilmente comprensible, ya que se basa en una ignorancia de la gramática básica del latín que no se puede imputar ni siquiera a escas formación lingüística de quienes se confunden: que yo sepa, ninguna de las gramáticas en uso corrientemente –latina, italiana o portuguesa– toma en consideración el problema de los principios por los que se rigen estas derivaciones.

São cada vez mais frequentes as confusões entre *-ità/-idade* e *-ietà/-iedade*, em ambas as línguas românicas aqui preponderantemente consideradas e em todos os níveis socioculturais do seu uso – isto é, tanto no âmbito do acrolecto como no do mesolecto ou do basilecto¹. Curiosamente, é mesmo no âmbito do mesolecto e do acrolecto que cada vez mais nos embatemos em formações espúrias como *?complementarietàà/?complementariedade*, no lugar dos “legítimos” *complementarità/ complementaridade* – até porque os termos em questão,

¹ *Acrolect* e *basilect* são termos cunhados por William A. Stewart, em 1965, inicialmente aplicados apenas ao estudo dos crioulos. O seu principal divulgador foi, a partir de 1975, Derek Bickerton, que lhes juntou a categoria intermédia do *mesolect*. O trinómio tende hoje a ser generalizado a todo e qualquer idioma, para designar os três níveis de língua fundamentais. É na esteira desse alargamento operativo que aqui o emprego, seguindo as pisadas de alguns ensaios linguísticos e de algumas definições lexicográficas recentes, redigidos em espanhol ou em inglês.



característicos de enunciados adscritíveis a um registro linguístico indiscutivelmente culto, são, por isso mesmo, alheios ao basilecto. É, portanto, em documentos produzidos por pessoas de cultura mediana ou superior, por vezes altos responsáveis ministeriais, que encontramos os sobreditos "destemperos linguísticos" – muitas vezes, até, em documentos emanados pelos ministérios da educação de Portugal e da Itália, ou redigidos por docentes do ensino médio e superior.

O equívoco é, no fundo, compreensibilíssimo, e assenta numa ignorância da gramática básica do latim que nem sequer se pode imputar à escassa formação linguística dos que o cometem: que eu saiba, nenhuma gramática corrente – latina, italiana ou portuguesa – se debruça sobre o problema dos princípios por que se regem semelhantes derivações. Sem mais delongas, enfrentemos, pois, o âmago da questão.

1. PRINCÍPIOS OPERATIVOS GERAIS

É consabido que os adjectivos latinos se distribuem por duas classes: a primeira, que segue a primeira e a segunda declinações (como *mundanus*, -a, -um), e a segunda, que segue a terceira declinação (como *fragilis*, -e). Os adjectivos de ambas as classes dão origem a substantivos abstractos em -ità/-idade:

mondanità/mondanidade, *fragilità/fragilidade*; mas, entre os adjectivos latinos da primeira classe, também há aqueles em que -us, -a, -um são precedidos por um -i-: *varius*, *sobrius*, etc. Para estes, e só para estes, os substantivos abstractos correspondentes fazem-se em -ietas/-ietate² e, nas duas línguas românicas consideradas, em -ietà/-iedade: *varietate* > *varietà/variedade*, *sobrietate* > *sobrietà/sobriedade*. E tanto faz que os substantivos abstractos em questão já existissem em latim ou não: mesmo aqueles neologismos novilatinos que não implicam como étimo um termo atestado em latim são formados com base num adjectivo latino conjectural, formado por analogia com os existentes no *corpus* dessa língua. É o que sucede, por exemplo, com **interdisciplinaris* > **interdisciplinaritate*-, que, de acordo com os princípios derivacionais atrás expostos, dão origem a *interdisciplinarità/interdisciplinaridade*. Quem não está em condições de refazer o percurso de jusante para montante, contra a corrente da evolução diacrónica, e de reconstruir o adjectivo hipotético de base, *interdisciplinaris*, -e, vê-se, compreensivelmente, em sérias dificuldades para decidir se a forma correcta do substantivo recém-forjado é *interdisciplinarità/interdisciplinaridade* ou *?interdisciplinarietà/?interdisciplinariiedade*.

Mesmo sem se terem umas luzes de latim, pode-se aprender a discriminar devidamente os casos em que se aplica um ou outro dos dois modelos derivacionais. Para o italiano, é quase sempre suficiente saber:

² É melhor apresentar, daqui para a frente, só a segunda forma, que é a do *caso regente*, o acusativo (se bem que submetida à generalizada apócope do -m).



a) que os adjectivos em *-o*, quando este é imediatamente precedido de consoante ou de *u* semiconsonântico (/w/), dão origem a substantivos em *-ità*: *raro* → *rarità*; *vero* → *verità*; *falso* → *falsità*; *fatuo* → *fatuità*;

b) que os adjectivos em *-are* dão origem a substantivos em *-ità* : *complementare* → *complementarità*;

c) que os adjectivos em *-o*, quando este é imediatamente precedido de *i* semi-consonântico (/j/), dão origem a substantivos em *-ietà*: *ovvio* → *ovvietà*, *serio* → *serietà*, *vario* → *varietà*.

As coisas passam-se do mesmo modo em português – com a única ressalva de que os adjectivos acima classificados na alínea *b* não são em *-are*, obviamente, mas em *-ar*.

Em Itália, há algumas publicações que se esforçam por elucidar-nos sobre estes mecanismos formativos sem recorrerem ao latim, como acabo de tentar fazer também eu. É pelo menos o caso de *Il vocabolario di Italiano* (Milano, Garzanti, 2013), sujeito à direcção científica de Giuseppe Patota. Com efeito, aí se introduz, logo após as entradas dedicadas a *complementarità* e *interdisciplinarità*, uma nota explicativa que incide sobre as “regras transformacionais” que acabo de enunciar – ainda que sejam aí reduzidas à contraposição entre substantivos derivados de adjectivos em *-are* e em *-ario*; o que constitui, certamente, uma útil achega para os interessados sem quaisquer rudimentos de latim, mas não faculta mais do que uma aplicação mecânica a só alguns casos problemáticos de escolha entre *-ità* e *-ietà*. Com efeito, nas mencionadas notas de *Il vocabolario di Italiano* não se tomam em consideração casos como os de *vero* → *verità*, *ovvio* → *ovvietà* e tantos outros. Mas tais notas são suficientes à sua finalidade imediata, que é, claramente, a de ajudar o mais vasto público a evitar o risco de produzir alguns dos mais correntes derivados anómalos – e, em princípio, a nenhum itálofono, por menos preparado que seja, lhe passará pela cabeça formar substantivos aberrantes a partir de adjectivos como *vero*, *serio* ou *ovvio* (e o mesmo se diga dos lusófonos, em relação aos adjectivos directamente equivalentes a esses, na sua língua).

Sabe-se que diversos tipos de erros se têm revelado ao longo dos séculos, e seguramente continuarão a revelar-se, linguisticamente produtivos. O equívoco interpretativo está, por exemplo, na base da formação dos pronomes pessoais de complemento de companhia, em português e em castelhano (*comigo/connigo*, *contigo*, etc.), ou da substituição, hoje frequentíssima no italiano escrito, do artigo (arcaico) *li* com o advérbio *lì*, na datação de documentos oficiais – frequentemente ministeriais e, até, universitários. Por outro lado, certas convicções dos filólogos medievais, em seguida reveladas erróneas, estão na origem da formação novilatina de termos como *annichilare*(~*ire*)/*aniquilar*³. Aliás, muitos portugueses apodam com mordacidade a inépcia linguística dos guineenses que dizem «a problema», mas eles próprios dizem inocentemente «uma grama» e «duzentas grammas», sem se aperceberem de que estão a *reanalisar* o substantivo, quanto ao

³ Assunto interessantíssimo mas em relação ao qual, pois que exorbita do nosso tema, prefiro remeter o leitor para quanto sobre o mesmo se refere no § 50, Tagliavini, 1982: 243-244.



género, exactamente da mesma maneira que os tais guineenses que tanta vontade de rir lhes dão.

A elaboração de mortificantes listas dos alheios “pontapés na gramática” é algo que, além de deselegante, se reveste, a meu ver, de um escasso interesse científico. Assim, se tiver que identificar a fonte de algum exemplo das formulações anómalas de que me estou ocupando, não o farei para achincalhar pessoas às quais, afinal, não faltam bons motivos para seleccionarem formas filologicamente discutíveis, mas para melhor identificar os meios socioculturais em que tais anomalias começam a grassar.

2. NEOLOGISMOS BASEADOS EM COMPLEMENTARITATE- E *(IN-TER)DISCIPLINARITATE-

Quanto às já acima largamente focalizadas “formas virais linguísticas” *complementarietà* / *complementariedade* e *interdisciplinarietà* / *interdisciplinarietà*, bastará introduzi-las nas versões italiana e portuguesa do Google para trazer à superfície um número impressionante de documentos onde tais formas campeiam – alguns deles, produzidos por professores de todos os graus do ensino e de todas as disciplinas, inclusive as tradicionalmente definidas *humanísticas*. Disponho inclusivamente de vários documentos, emanados por instituições como os ministérios da educação de ambos os países ou pelas suas universidades, que se encontram eivados destas bisonhas versões que se podem dizer, nos tempos que correm, verdadeiramente *infestantes*. No caso de um documento redigido por um docente italiano do ensino secundário (provavelmente um excelente professor, apesar de tais pecadilhos linguísticos), verifica-se, até, uma contínua oscilação, no seu texto, entre a forma “canónica” *interdisciplinarietà* e a “espúria” *interdisciplinarietà* – o que dá bem conta de uma situação de permanente hesitação entre as duas variantes, verosimilmente motivada pelo desconhecimento das regras subjacentes à formação do vocábulo.

A diferença do grau de aceitabilidade “institucional” de *complementarietà* / *complementariedade* e *interdisciplinarietà* / *interdisciplinarietà*, em cada uma das duas línguas consideradas, reside no facto de que vários dicionários italianos já *toleram*, se bem que as não *prescrevam*, tais formas espúrias na sua língua, enquanto os dicionários portugueses continuam sistematicamente a ignorar as formas homólogas na língua de Camões – o que, no fundo, equivale a *proscrevê-las*.

Exemplificando quanto acabado de dizer e começando pelos mais correntes dicionários italianos, o *Zingarelli* já aceita *complementarietà* e *interdisciplinarietà* nas edições dos últimos anos (a partir de 1999, pelo menos), ainda que aí sejam consideradas como “alternativas menos válidas” – mas não nos dizem quais os critérios segundo os quais seriam “menos válidas” – aos “canónicos” *complementarità* e *interdisciplinarietà*. Portanto, as formas que faço preceder de um ponto de interrogação não são aí encorajadas mas apenas toleradas – o que afinal, a meu ver, acaba por ser o mesmo que considerá-las plenamente admissíveis (porque não creio que uma forma possa ser *mais ou menos admissível*: ou o é, ou não). Como já tive modo de referir, *Il vocabolario di Italiano* da Garzanti, pelo



contrário, não só não corrobora a possibilidade de substituir *complementarità* e *interdisciplinarità* com os seus “sucedâneos” mais recentes como ainda fornece linhas de orientação para a correcta formulação dos ditos substantivos. O *Devoto-Oli 2013*⁴, por sua vez, nem sequer se abaiça a mencionar os daninhos “sucedâneos” em questão – o que, na prática, equivale a uma sua taxativa proscricção.

Não menos peremptórios se demonstram os proutuários correntes do bem dizer/bem escrever em italiano. Com efeito, aqueles que tenho consultado (longe de mim compulsá-los todos) limitam-se, lacónica e draconianamente, a proclamar que «não se diz/escreve ?*complementarità* e ?*interdisciplinarità*». É o que faz Aldo Gabrieli e o seu continuador Paolo Pivetti em *Si dice o non si dice? Guida pratica allo scrivere e al parlare* (2009)⁵, e pelo mesmo rigorismo se pauta Laura Craici – ainda que tomando em consideração só ?*interdisciplinarità* – em *ead.*, *Parlare italiano & scrivere* (1998: 166). As interdições mais espirituosas – e mais verrinosas – são as formuladas em *Piuttosto che. Le cose da non dire, gli errori da non fare*, de Valeria Della Valle e Giuseppe Patota (2013: 30 e 69), que não só estigmatizam o uso dos dois “monstrozinhos linguísticos” como exemplificam o seu reprovável emprego por parte de ministros e de docentes universitários – com nome, apelido, cargo institucional, data e local do emprego da infeliz expressão (como fazem, aliás, para todas as outras entradas do seu vivaz *vademecum*).

Como se não bastassem os maus tratos a que são sujeitos *interdisciplinarità* e *interdisciplinaridade*, em ambas as línguas introduziram-se de recente uns – talvez funcionais, em certas discussões de âmbito pedagógico – *disciplinarità/disciplinaridade*, não atestados pelos dicionários compulsados mas apenas *on-line* –, que não podiam deixar de ser logo deformados em ?*disciplinarià*?/*disciplinarièdade* (mais uma vez, basta fazer uma pesquisa a tal propósito no *Google* para nos apercebermos da virulência com que alastram estes novos focos epidémicos)...

3. UMA “INCURSÃO” EM DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES BRASILEIROS

Quis também verificar que tipo de tratamento se dava a *disciplinaridade*, *complementaridade*, *interdisciplinaridade* e termos afins, em alguns dicionários brasileiros de grande e merecido prestígio, e concentrei a minha atenção sobre o *Aurélio* e o *Houaiss*. Os resultados desta ulterior pesquisa oferecem particularidades a tal ponto surpreendentes que, para não prejudicar a clareza expositiva que procurei assegurar ao capítulo anterior, preferi isolá-las aqui, num capítulo à parte.

⁴ Sob a direcção científica de Pietro Trifone e Luca Serianni, que não ficam atrás, em prestígio científico, aos originais criadores do dicionário, pelo nome dos quais o mesmo ainda hoje é conhecido.

⁵ Aldo Gabrieli morreu em 1978, e até então o seu livro já tinha tido duas edições. A única que me foi dado consultar – e que não creio seja integral – é a disponibilizada *on-line* pelo «Corriere della sera»: <http://dizionari.corriere.it/dizionario-si-dice/C/complementarita.shtml>, <http://dizionari.corriere.it/dizionario-si-dice/I/interdisciplinarita.shtml>.



Assim, a primeira edição do *Aurélio* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975) comporta-se, em relação a *complementaridade* e à sua alternativa “espúria” *complementariedade*, do mesmo modo atrás assinalado para os dicionários do Português Europeu: averba a primeira e ignora a segunda. Para o adjectivo *interdisciplinar* e o substantivo derivado *interdisciplinaridade*, aí se verifica que, surpreendentemente, o adjectivo é averbado, mas o substantivo, não! Procurando comparar estes dados com os de uma versão mais recente do mesmo dicionário, fui consultar a edição em CD-ROM do *Dicionário Aurélio Séc. XXI*, onde, a tal respeito, se continua a passar exactamente o mesmo: aí se atestam *complementar* (adj.) e *complementaridade*, e *interdisciplinar*, também – mas *interdisciplinaridade*, não. É claro que, então, de *interdisciplinariedade* nem é bom falar...

O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2001) comporta-se do mesmo modo, com a única diferença de que já inclui *interdisciplinaridade*. *Disciplinaridade* – que, como já atrás vimos, parece “anterior” a *interdisciplinaridade* (porque lhe é formalmente subjacente) mas é, na verdade, mais recente – não consta em nenhuma das três fontes brasileiras consultadas (repita-se: as duas versões do *Aurélio* e a electrónica do *Houaiss*).

Um problema novo, que até então nem sequer me tinha ocorrido, é que, ao contrário dos seus congéneres do Português Europeu, ambos os dicionários brasileiros atestam, como alternativa a *complementar*, ***complementário*** – o que levanta uma série de questões não despiciendas:

a) Se existe *complementário*, não sei por que não poderiam existir, também, *disciplinário* e *interdisciplinário* – que ambos os dicionários continuam (sensatamente, creio) a ignorar por completo.

b) Ainda que ambos os dicionários se obstinem – saudavelmente, do meu ponto de vista – em não registrar *complementariedade*, o que é certo é que, se existe *complementário*, então *complementariedade* seria o substantivo regularmente daí derivado... E, pela mesma ordem de ideias, por que não “legitimar” igualmente os abstrusos *disciplinário* e *interdisciplinário*? E em seguida, consequentemente, os seus directos descendentes *disciplinariedade* e *interdisciplinariedade*?

Em suma, tudo isto parece demonstrar que, no eterno e enovelado confronto entre tendências lexicalmente conservadoras e tendências lexicalmente inovadoras, os “mestres do bem falar/bem escrever” vão aceitando reticamente as inovações, quando estas se lhes impõem de per si, através de um público uso cada vez mais alargado; mas mantêm uma congenial aversão pelas mesmas, legitimando-as reticamente, a conta-gotas, e só quando se lhes afigura inevitável conceder-lhes a plena cidadania.

4. CASOS AFINS AOS PRECEDENTES (I. E., AOS DE 2 E 3)

4.1. Um outro par de substantivos sujeitos a tratos de polé por italianos e portugueses é *ilarità/hilaridade*, termos que se vêm cada vez mais preteridos em favor de *ilarietà/hilariedade*. Basta, de novo, recorrer ao Google para comprovar a pertinência de tal observação.



4.2. Menos frequente, mas igualmente observável em italiano e em português, é o recurso impróprio às terminações *-ità/-idade* em lugar das previsíveis (e desejáveis) *-ietà/-iedade*: é o que sucede com as realizações *precarietà/precariedade* (< *precarietas* < *precarius*)⁶, às quais *?precarità/?precaridade* vão já fazendo uma asfixiante concorrência⁷.

O caso de *?precarità/?precaridade* implica uma distinção entre a frequência com que tais realizações se manifestam e os âmbitos socioculturais em que ocorrem, num país e no outro. Assim, quem escreve (e, portanto, também presumivelmente diz) *?precarità*, em Itália, é quase seguramente alguém com fortes deficiências formativas, ao nível do domínio da língua materna, e pouca familiaridade com a consulta de obras correntes de referência, como o mais elementar dicionário. Será talvez o mesmo tipo de pessoa que diz (e presumivelmente também escreverá) *?mediocre* e *?periúdo*, em Portugal – para produzir dois exemplos correntíssimos, mais ou menos igualmente equiparáveis, quanto ao âmbito sociolinguístico em que se manifestam, aos italianos *?aeroporto* ou *?édile* (e isto, repito, sem nenhum intento escarnecedor em relação a quem assim se exprime). Mas, em Portugal – e ao contrário do que sucede em Itália com *?precarità*, por quanto me tem sido dado observar –, o malfadado *?precaridade* comparece até em notícias veiculadas pelo prestigiado «Jornal de Letras».

Não se pode, porém, atribuir aos redactores do «JL», no caso acabado de mencionar, um embaraçoso desconhecimento do léxico pátrio, uma vez que em Portugal, e ao contrário do que sucede em Itália com *?precarità*, o recurso a *?precaridade* já é avalizado por um dicionário de referência como o Porto Editora – e isto, pelo menos desde a sua edição de 2003. Aliás, já antes o *Cândido de Figueiredo* – na sua edição de 1996⁸, que foi a que consultei – não só regista *precaridade* como alternativa a *precariedade* mas até corrobora, em nota, a validade do lema alternativo, esteando-se, para tal, no prestígio linguístico de Rui Barbosa, que o teria utilizado nos seus escritos⁹...

Em Itália, que eu saiba, ainda nenhum dicionário se abalançou a albergar nas suas páginas o nefando *?precarità*.

Nestes casos sucede, portanto, exactamente o contrário do que se verifica em ambos os países em relação à atribuição de "aceitabilidade" às derivações impróprias *?complementarietà/?complementariedade* e *?interdisciplinarietà/?interdisciplinariiedade* – uma vez que, como já se viu, *?complementarietà* e *?interdisciplinarietà* são já "tolerados" por alguns dicionários italianos, enquanto os seus congêneres portugueses persistem na atitude profiláctica de nem sequer tomarem em consideração *?complementariedade* e *?interdisciplinariiedade*.

⁶ Aproveito a ocasião para observar que, se em italiano já existe uma discriminação semântica entre *precarietà* e *precariato*, o *traducente* (outra palavra para a qual ainda não há, infelizmente, equivalente em português) lusófono de *precariato* continua a ser *precariedade*, à falta de melhor.

⁷ Como comprovam os dados recolhidos a tal propósito no *CETEMPúblico*, que apresento no capítulo 8.

⁸ Venda Nova, Bertrand – 25.^a edição.

⁹ O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (Lisboa, Academia das Ciências/Editorial Verbo, 2001) continua a ignorar – intencionalmente, creio – tal variante.



5. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE ADJECTIVOS LATINOS EM -ĔU-

Há ainda outros substantivos, derivados de adjectivos latinos da primeira classe, que também podem suscitar, em certos casos, dúvidas quanto à sua correcta formação nas nossas duas línguas novilatinas de referência. Partindo de adjectivos em *-ĕus* (*-ĕa*, *-ĕum*), como *contemporaneus*, *simultaneus*, etc., o resultado não pode ser outro senão *contemporaneità/contemporaneidade*, *simultaneità/simultaneidade*. Na verdade, a pesquisa no *Google* de uns hipotéticos e indesejáveis *contemporanità* e *simultanità* não produz quaisquer resultados, à data em que a efectuei (27/6/2013). Não se pode dizer o mesmo, contudo, de *contemporanidade* e *simultanidade*, que começam a circular na *Rede*, em documentos produzidos tanto por particulares como por instituições, seja em Portugal seja no Brasil, ainda que com maior incidência neste último (até em documentos do Ministério da Fazenda!).

Também há adjectivos latinos da primeira classe, em *-us*, *-a*, *-um*, que já vão dando azo a substantivos que, ainda que em princípio se não se pudessem formar com os sufixos *-ità/-eidade*, começam a apresentar "soluções alternativas" desse teor: é o caso, por exemplo, dos importunos *quotidianeità/quotidianeidade*, que começam a infestar a *Rede* a ritmo galopante (mais uma vez, basta consultar o *Google* para o verificar pessoalmente)¹⁰.

6. REALIZAÇÕES QUE IMPLICAM CONSIDERAÇÕES ETIMOLÓGICAS DIVERSAS DAS PRECEDENTES

Velleità/veleidade e *ipseità/ipseidade* representam casos particulares, uma vez que não têm por base adjectivos latinos, fossem eles em *-ŭ-* ou em *-ĕu-*. Note-se ainda que para *ipseità/ipseidade* já se podem averbar exemplos de estropiamento em *ipsità/ipsidade*: para o confirmar basta, mais uma vez, consultar o *Google*.

Na verdade, *velleità/veleidade* provêm do latim escolástico¹¹, que forja *velleitas* do infinitivo *velle*; e *ipseità/ipseidade*¹² devem-se à inventiva de Paul Ricoeur, que dessumiu *ipseité* do pronome *ipse* (*-a*, *-um*).

Têm uma origem francófona os substantivos *solidarietà/solidariedade*, que seguramente se inspiram na forma francesa *solidarité* (< *solidaire*), mais antiga (o *terminus a quo* para o adjectivo é 1584, e o da atestação do substantivo é 1693)¹³; mas também aqui terá funcionado, de permeio, a reconstrução conjectural com base num "latino" **solidariu-*, do qual efectivamente não poderiam derivar, em

¹⁰ A pesquisa que apresento sobre estas variantes no capítulo 8, baseada no *corpus* do *CETEMPúblico*, fornece nesse sentido um indício, e um só – o qual, apesar de constituir um *hâpax legómenon*, nem por isso deixa de ser significativo.

¹¹ O trâmite entre tal forma tardo-latina e a lusa *veleidade* parece ter sido o francês. Segundo o *Zingarelli 2014*, também a *velleità* italiana é fruto da mesma gálica ascendência. O *Devoto-Oli 2014*, no entanto, nada refere sobre esse pormenor.

¹² Não atestados em nenhum dicionário italiano ou português, mas só nos artigos disponíveis no *Google*, em ambas as línguas.

¹³ Como informa o *site* do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales, respectivamente em <http://www.cnrtl.fr/etymologie/solidaire> e <http://www.cnrtl.fr/etymologie/solidarit%C3%A9>.



italiano e em português, outras formas que não *solidarietà/solidariedade*. Isso não impede o *Google*, porém, de nos demonstrar à saciedade a perversa potência expansiva dos espúrios *solidarità/solidaridade*...

Mais complexos se demonstram, ainda, os casos de *consanguineità/?consanguinità/ /consanguinidade/?consanguineidade*. Os dicionários portugueses só registam *consanguinidade*, mas não faltam os documentos *on-line* – sobretudo brasileiros – onde comparece *?consanguineidade*. Ainda que aparentemente o substantivo devesse provir de um regular *consanguineu-*, o que é certo é que também já no latim clássico se encontrava *consanguinitate-*; pelo que a derivação de *consanguinidade*, à primeira vista imprópria, é confirmada pela etimologia. É a situação italiana que parece mais estranha, afinal: todos os dicionários insistem em considerar apenas como válida a forma *consanguineità*, até mesmo o tolerantíssimo (se não mesmo laxista) *Zingarelli* – mas depois, se vamos consultar a edição de 1950 deste dicionário, ainda aí encontramos a dupla possibilidade de realização *consanguineità/consanguinità*... *Consanguinità* era, aliás, a forma mais corrente há dois ou três séculos, e até em Seiscentos: é essa forma que encontramos repetidamente, por exemplo, na Bíblia de Diodati.

Nem a *simultaneidade* podia escapar à sanha iconoclasta dos lusofalantes linguisticamente mais desenvolvidos: muitos vão-na obrigando a travestir-se de *?simultaniedade* (por analogia com *ansiedade*, *piedade*, etc.)¹⁴ e alguns outros, ainda mais desinibidos, já se afoitam a reduzi-la a *?simultanidade* (também para estes casos, *Google docet*). Pelo contrário, nos documentos que circulam *on-line* em língua italiana, a *simultaneità* parece encontrar-se –pelo menos, por agora– ao abrigo de semelhantes atropelos.

É ainda digno de realce o caso particular de *temerarietà/temerità/ /temeridade*: o adjectivo que está na base da primeira –e a mais corrente– das duas formas italianas acabadas de reproduzir é o adjectivo *temerariu-*, e a segunda, como a sua congénere portuguesa, terá como étimo o substantivo *temeritate-*, já averbado em latim.

7. OUTRO CASO EMERGENTE, DE USO PARTICULARMENTE RESTRITO MAS SIGNIFICATIVO

Há um par de termos que começa a comparecer em documentos *on-line*, ainda que seja de uso muito limitado (e muito provavelmente continuará a sê-lo): *templarità/templaridade*. A utilidade de o referir, num trabalho deste género que de modo algum se pretende exaustivo, seria de todo indefensável, se não se dessem os seguintes casos: a) o termo português demonstra poder vir a revestir-se de uma ambivalência semântica digna de consideração, enquanto que a mesma ambivalência se verifica já em italiano, mas só para o substantivo/adjectivo *templare* (ou *templario*); b) a ausência de alternativas anómalas a *templarità/templaridade*, em todos os documentos disponíveis que contêm cada um

¹⁴ Para esta variante, os exemplos no *CETEMPúblico* (v. o capítulo 8) são poucos – mas, de qualquer modo, são vários; e mais seriam, creio, se a elaboração do dito *corpus* fosse prolongada para além do ano-limite de 1998.



dos termos, é talvez um sinal de bom auspício, uma vez que vai contra as tendências dominantes neste âmbito, em ambas as línguas, segundo quanto tenho vindo a ilustrar.

Quanto ao primeiro aspecto, é de evidenciar que um dicionário digno da maior consideração, o *Devoto-Oli* (consultado na sua edição de 2013), dá para *templare* –e para a sua versão mais inusual *templario*– um outro significado além do mais conhecido, que tem que ver, directamente, com a famosa ordem religiosa-militar: ainda que aí venha assinalado como «non comune», o adjectivo pode significar aquilo que é «relativo al tempio o ai templi, soprattutto nella terminologia della storia dell’arte». Mas o caso muda de figura quando passamos a ocupar-nos dos termos que aqui mais nos interessam, *i. e.*, dos substantivos derivados *templarità/templaridade*: agora, é o termo português que ganha ambivalência semântica, enquanto o italiano permanece estritamente monovalente.

Com efeito, *templarità*, nos documentos em que ocorre – e nenhum dicionário o regista, que eu saiba –, só se pode referir a um conjunto de supostas características da Ordem do Templo, enquanto organização mitificada por uma espécie de pseudo-História a que não faltam adeptos.

Tem o mesmíssimo significado o português *templaridade*, igualmente ausente dos dicionários. Mas, neste caso, tanto há quem lhe atribua, *on-line*, o significado *fanta-histórico* que acabo de mencionar, como há outros – ou melhor, *outro*, porque até agora só encontrei uma ocorrência nesse sentido – que usam o termo no segundo significado admitido pelo *Devoto-Oli* para *templare/templario*: portanto, *templaridade* como ‘características – arquitectónicas ou outras – próprias dos edifícios de culto’. É o que faz Artur Felisberto, em <http://arturjotaef-numancia.blogspot.it/2013/06/megalitos-gaudemichos-da-deusa-mae-por.html> (3/7/13) – um documento de conteúdo, também ele, francamente *fanta-histórico* (ainda que, como já atrás disse, ao menos na parte do dito documento na qual ocorre o termo que nos interessa, o recorrente mito dos templários nos seja poupado).

O que se me afigura muito positivo – e é o segundo aspecto que anunciei no início deste capítulo – é que, mesmo que os documentos onde surgem *templarità/templaridade* sejam de escasso ou nulo interesse científico, o que é certo é que a nenhum dos seus autores passou pela cabeça improvisar uma sua “actualização” em *?templarietà/?templariiedade*; ainda que, para um indivíduo pouco familiarizado com o latim, não fosse de todo improvável ou descabido prever-lhes um arquétipo etimológico (se bem que erróneo) em **templariu-*. Isto parece-me demonstrar que nem sempre o intuito dos falantes/escreventes anda às turras com a gramática (o léxico *faz parte* da gramática), mesmo quando propagam ideias das mais estapafúrdias... Pelo menos no que concerne aos critérios de selecção do léxico ou da formação de neologismos, a proficiência dos falantes/escreventes demonstra-se, por vezes – como nos casos acabados de considerar –, superior ao que os exemplos dos capítulos anteriores nos podiam fazer prever; o que me encoraja a pensar que, ao menos neste âmbito específico, nem tudo está perdido.

8. UMA INCURSÃO “DE CONTROLE” NUM CORPUS JORNALÍSTICO



Tudo quanto tenho vindo a expor e alvitrar encontra uma confirmação parcial na consulta do CETEMPúblico ou *Linguateca*, consultável através da URL www.linguateca.pt/cetempublico. Digo-a *parcial*, essa confirmação, pelos seguintes motivos:

a) Trata-se de um *corpus* que implica exclusivamente a escrita e, especificamente, a escrita jornalística.

b) Tal *corpus* concerne apenas a maioria dos artigos que, entre 1991 e 1998, vieram a lume nas páginas do «Público».

c) O «Público» possui, e impõe aos seus colaboradores, um *Livro de Estilo* pouco compreensivo para com estropiamentos e inovações imotivadas, no âmbito linguístico.

Mesmo assim, se encontramos algumas das formas por mim anteriormente estigmatizadas, nas pesquisas lexicais proporcionadas por este *corpus* (constituído por cerca de 180 milhões de palavras extraídas do sobredito quotidiano), isso dever-se-á em boa parte, muito provavelmente, ao facto de que o controlo exercido pelos “guardiães estilísticos” do jornal sobre os artigos publicados é, por força das coisas, bastante flexível, vista a mole de informações a processar na edição de cada dia que passa.

Por outro lado, grande parte das formas “espúrias” presentes no *corpus* devem-se à exacta transcrição das declarações de indivíduos entrevistados ou citados, as quais, obviamente, seria pouco curial emendar.

Tendo em conta todas estas limitações, passe-se, pois, à apresentação dos dados recolhidos¹⁵.

Assim, consultando o *Projecto AC/DC*¹⁶: *corpo* CETEMPúblico, encontram-se:

- para *complementaridade*, 577 ocorrências; para *complementariedad*, 38;
- para *interdisciplinaridade*, 97; *interdisciplinarietà*, 19;
- *disciplinaridade* / *disciplinarietà*, 0;
- *precariedade*, 358; *precaridade*, 276;
- *hilaridade*, 34; *hilariedad*, 15;
- *contemporaneidade*, 378; *contemporanidade*, 1;
- *simultaneidade*, 378; *simultanidade*, 0; *simultaniedad*, 3;
- *solidariedade*, 10.876; *solidaridade*, 9;
- *ipseidade* / *ipsidade*, 0;
- *consanguinidade*, 39; *consanguineidade*, 0;
- *templaridade* / *templarietà*, 0.

E creio que baste. Considerando as importantes limitações do *corpus* (para os nossos fins) atrás enunciadas, os resultados parecem-me confirmar plenamente as impressões que já tinha elaborado a partir das bases de dados e das obras de referência, mais tradicionais, à minha disposição.

O leitor poderá rever o arrazoado que alinhabei ao longo dos capítulos anteriores, à luz destes novos dados, para melhor avaliar por si próprio a pertinência das minhas precedentes observações. Poderá refazer, até, tanto as

¹⁵ As consultas concentraram-se numa só jornada, a de 4 de Julho de 2013.

¹⁶ *Acesso a corpus/Disponibilização de corpus*.



pesquisas *on-line* como as outras que empreendi, completando-as e/ou emendando-as. Uma vez que as considerações que aqui venho desenvolvendo não fazem parte de uma minha profissão de fé, muito grato ficarei a quem, cabalmente, as puder melhorar ou, até, invalidar.

9. O (DISCUTÍVEL) PRINCÍPIO DA “TIRANIA DO USO”

Será verdade que «*dobbiamo seguire (...) “quell’uso che è detto l’arbitro, il maestro, il padrone, fino il tiranno delle lingue”*», como preconizam Dardano e Trifone (1985: 101), citando a *Lettera intorno al Vocabolario* do patriarca da unidade linguística italiana, Alessandro Manzoni; mas o *Uso* pode ser incentivado, coarctado... -influenciado, em suma. E, enquanto *usuários*, nós próprios *fazemos o Uso*; pelo que o mero facto de aderirmos pessoalmente, ou não, a certas tendências ou modas, pode influenciar o eventual sucesso ou declínio das mesmas.

Quando estas *não-adesões* ou *obstruções* são expressas por indivíduos cuja opinião é socialmente tida por particularmente válida –como em geral o são os professores, os divulgadores mediáticos, os escritores de sucesso, etc.–, não raro os usos emergentes, que tais personalidades têm na conta de molestos, tendem a “redimensionar-se”, a refrear a sua marcha para a legitimação, que só é outorgada pelo mais amplo consenso – consenso que virá do *Uso*, decerto, mas é mesmo este que pode acabar por se alterar, em virtude das sobreditas manifestações de repulsa.

O próprio Manzoni, na supracitada *Lettera...*, dá azo a que meditemos sobre os limites do seu propalado *império do Uso*, quando diz:

Voltaire, nas observações sobre as tragédias de P. Corneille que enviou à Academia Francesa, observava que o vocábulo *invaincu*, lançado por este último, não tinha obtido sucesso. A Academia mandou comentar em nota: «Por que é que não trata o Senhor de fazer com que o termo venha a alcançá-lo?» É um daqueles ditos, altamente sensatos, que as próprias coisas sugerem a quem as observa do lado certo. À Academia que, como disse com igual sensatez um dos seus membros, «não é senão o secretário do Uso», não competia, naquele caso, fazer absolutamente nada: só um escritor o podia fazer. Porque, assim como é falso que os escritores podem moldar uma língua, é também verdade que os mesmos, uma vez que falam – por assim dizer – a muitas pessoas, e alguns a milhares delas, duma só vez, podem, muito mais do que os restantes com a sua mera fala, seja difundir o *Uso*, onde este ainda não for conhecido, seja recomendar novas expressões a esse mesmo *Uso*; as quais, uma vez aceites por este, acabarão por entrar no corpo da língua, ganhando, com isso, o direito de virem a ser registradas, a tempo devido, no dicionário [tradução minha].



Talvez Manzoni se não tenha apercebido, aquando da redacção desta sua carta a Ruggero Bonghi¹⁷, de que as considerações acima reproduzidas poderiam ser aplicadas não só às *manifestações de aceitação* mas também às *manifestações de repúdio* por certas expressões: se um escritor pode incrementar as possibilidades de sucesso de um termo, por empregá-lo, também pode contribuir para o desprestígio de um outro, não o usando nunca ou até – e *sobretudo* – explicitando as razões da sua aversão pelo mesmo.

Assim procedeu José Saramago em relação à palavra *esperança*, numa crónica memorável em que o escritor lhe contrapunha a valia francamente superior, a seu ver, do conceito de *vontade*: “Esta palavra esperança”, publicada no volume de crónicas saramaguianas *Deste Mundo e do Outro*, pela lisboeta Arcádia, em 1971, ainda que inicialmente tivesse sido escrita para «A Capital» de 29 de Outubro de 1968 – onde acabou por ser censurada, então, por inteiro. Em finais de Outubro de 1968, quando a crónica deveria ter saído no referido quotidiano, ia para dois meses que Salazar tinha trambulhado da cadeira, no forte de Caxias. O poder tinha então passado para as mãos de Marcelo Caetano, mas o Exame Prévio não dava sinais de abrandar os seus ferozes critérios selectivos, como se pode inferir da supressão desta crónica. Cerca de três anos depois, sempre com Caetano no poder, os paradigmas restritivos de tal órgão de vigilância parecem ter-se já amaciado um pouco: pelo menos permitiu-se, então, a publicação da crónica em causa (e de outras também antes censuradas) no volume da Arcádia.

O céberbo que vetou a publicação de “Esta palavra esperança”, em 1968, não devia ser tão peço como outros seus colegas, que censuravam ninharias para depois deixarem passar incólumes, por pura incapacidade hermenêutica, certos discursos profundamente subversivos: pelo contrário, o censor de Saramago demonstrou, na ocasião, ser dotado de uma argúcia digna de mais nobre ocupação.

Na verdade, a *esperança*, enquanto lema então propalado por uma certa direita liberalizante e uma certa esquerda moderada, devia parecer aos luminares do fascismo lusitano um conceito quase inócuo (se não *útil*, até, aos interesses que lhes eram próprios), mais consolatório do que propriamente antagónico (e o mesmo se poderia dizer, hoje, dos infestantes encómios dedicados ao *optimismo*). Além de desmascarar a ineficácia intrínseca do lema *esperança*, a crónica de Saramago insistia sobre as insidiosas propriedades lenitivas, entorpecedoras, até, do mesmo. Para mais, propunha substituir essa diáfana virtude com outra que, ao contrário dela, nem de perto nem de longe evoca reminiscências teológicas e que, por outro lado, representa o contrário da passividade que tanto convinha ao regime: a *vontade*.

O censor percebeu, e mandou cortar tudo... Hoje, graças à liberdade entretanto alcançada e que ainda nos não conseguiram tornar a tirar, podemos ler quantas vezes quisermos, e divulgar como melhor entendermos, a salutar crónica

¹⁷ Mas, na verdade, escrita com vistas à sua publicação na «Perseveranza», dirigida pelo seu destinatário imediato; e aí saiu efectivamente a lume, em Abril de 1868. A edição em que me baseei para a tradução do passo reproduzido é a publicada em A. Manzoni, 1870 (mais propriamente, servi-me de uma das muitas cópias da mesma que se encontram disponíveis *on-line*).



de Saramago; e, se para aí estivermos inclinados, podemos fazer do nosso melhor para continuar a sua obra de desmistificação dos talismânicos *gadgets* conceptuais das *esperanças* e dos *optimismos* e para promover outras mais dinâmicas atitudes, que a palavra *vontade* parece mais apta a suscitar.

Estas minhas últimas observações podem parecer algo fora do lugar, uma vez que incidem sobre a escolha de uma determinada palavra-conceito como elemento privilegiado, semanticamente sobrecarregado, ao interno de um discurso ou de toda uma categoria de discursos; mas tais considerações podem ser igualmente aplicadas às escolhas entre variantes estabilizadas no acrolecto, muitas delas obedientes a princípios de formação tidos por legítimos, e outras variantes que se podem classificar, *grosso modo*, como deformes ou "abastardadas". Na verdade, se um professor menos condescendente corrigir sistematicamente o aluno que disser ou escrever *?complementarietà/?complementariedade*, o aluno - com os tempos que correm - pode dar pouca ou nenhuma importância a isso e persistir, impávido, no uso da forma estigmatizada. Mas se o mesmo *?complementarietà/?complementariedade* for empregue por um candidato durante uma entrevista, ou num *curriculum vitae* decisivos para obter um bom emprego, já não é assim tão certo que o candidato se não possa embater num avaliador tão purista quanto o sobredito professor, ou mais, que acabe por eliminá-lo por considerar aquelas "liberdades linguísticas" como sintomáticas de graves carências formativas.

O ideolecto insere-se sempre num determinado sociolecto, e o modo como linguisticamente nos exprimimos é um aspecto fundamental da *persona* de cada um, *i. e.*, da sua imagem pública, mais ou menos intencionalmente elaborada que ela seja; e, em certas circunstâncias, por vezes decisivas, essa *aparência conta*.

Por outro lado, não há dúvidas de que é de todo inútil tentar reprimir a espontânea evolução das línguas, com lamentações, diatribes e vetos não só infrutíferos como até, em certos casos, contraproducentes - porque não raro provocam o efeito contrário da *obstinação na forma errada* por parte dos seus utilizadores, irritados com o que podem considerar como uma presunçosa "veia" pedantesca, dogmática, elitista, censória. Mas ainda mais reprovável se me afigura a dominante tendência contrária, pela qual muitos se não cansam de proclamar aos sete ventos que «os erros não existem» e de secundarem todo o tipo de despropósitos linguísticos, esteados no princípio matreiro do «se não podes vencê-los, junta-te a eles» - que talvez pressuponha o astucioso intento de reservar o privilégio da língua escorreita a uma elite cada vez mais restrita, mirando às imerecidas vantagens sugeridas pelo ditado «em terra de cegos, quem tem um olho é rei». O que o investigador deve tentar fazer é *dar conta dos fenómenos em curso* e *procurar esclarecer* as suas causas e eventuais efeitos, da maneira mais despreziosa possível. Foi o que aqui tentei fazer, mas a outros caberá ajuizar se nisso fui bem-sucedido.



Bibliografia

- BICKERTON, Derek (1975) *Dynamics of a Creole System*, Cambridge, University Press.
- CRAICI, Laura (1998) *Parlare italiano & scrivere*, Milano, A. Vallardi.
- DARDANO, Maurizio e Pietro TRIFONE (1985) *La lingua italiana*, Bologna, Zanichelli.
- DELLA VALLE, Valeria e Giuseppe PATOTA (2013) *Piuttosto che. Le cose da non dire, gli errori da non fare*, Milano, Sperling & Kupfer.
- GABRIELI, Aldo e Paolo PIVETTI (2009) *Si dice o non si dice? Guida pratica allo scrivere e al parlare*, Milano, Hoepli.
- MANZONI, Alessandro (1870) *Opere varie*, Milano, Stabilimento Redaelli dei f.lli Rechidei.
- TAGLIAVINI, Carlo (1982) "Il consonantismo del Latino volgare" em *Le origini delle lingue neolatine*, Bologna, Pàtron, pp. 243-4